

In Poesia 1944-1945, Lisboa, Delfos, 1961

O DE ESPELHOS

de espelhos | não navega, cavalga || Seu mar é a floresta | que lhe serve de nível || Ao crepúsculo espelha
a nos flancos || (Por isso o tempo gosta | de deitar-se com ele) || Os armadores não amam | a sua rota
Vista do movimento | pára) || Quando chega à cidade | nenhum cais o abriga || (O seu
az nada | nada | e ar pesado | é tudo o que transporta || E no mastro espelhado
pécie de | o mesmo rosto || A mesma cinta escura | o mesmo grau e
Quando || (Como os olhos da mosca | reflectem os objectos) ||
do um de | uta o mar do fundo || Toda a nave cavalga | (como no
os astros) | do mundo.

In A Cidade Queimada, Lisboa, Ulisseia, 1966



N.º 745

<IMG_4357.JPG> A00969-002 0002 NNNA 3

Cruziforme
Língua Verde

CR:0 R

Perce
Foto de António Oliveira